

## CRONOTOPIAS DA INTIMIDADE EM ENTREVISTA BIOGRÁFICA: O CASO DE IVANA JINKINGS DA *BOITEMPO* EDITORIAL

DOI: 10.47677/gluks.v24i1.436

Recebido: 14/02/2024

Aprovado: 02/05/2024

LAGE, Nara Bretas  
GOMES, Letícia Santana

**RESUMO:** Este artigo se pauta, majoritariamente, por trazer algumas postulações teórico-metodológicas da pesquisadora argentina Leonor Arfuch, que propõe o conceito de *espaço biográfico* como uma confluência de múltiplos gêneros na contemporaneidade. Além disso, desenvolve e amplifica as questões sobre (auto)biografia pelas quais iremos nos debruçar e se estendem conceitos como as cronotopias da intimidade, que servirão de aporte ao nosso *corpus*. Será analisada a entrevista com a mulher-editora-independente Ivana Jinkings, que fundou, em 1995, a Boitempo Editorial, uma das maiores editoras ditas progressistas do Brasil. Dessa forma, iremos trazer o gênero entrevista como rica ferramenta ao espaço biográfico e reiterar o interesse que reside à (auto)biografia por justamente possibilitar uma recategorização das experiências sociais vividas por meio das escolhas discursivas singulares do narrado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa de Vida, Espaço biográfico, Entrevista biográfica, Cronotopia da Intimidade, Ivana Jinkings.

### Introdução

Neste artigo, nosso objetivo é elucidar contribuições teórico-metodológicas de Leonor Arfuch, cuja interlocução com outros teóricos, como Bakhtin, Lejeune, Ricoeur, Benveniste, são ricas ferramentas para análises (auto)biográficas. Nesse sentido, dentre as inúmeras formas de se narrar uma vida, destacamos a entrevista biográfica como gênero a ser discutido neste estudo, por meio do relato da mulher-editora-independente Ivana Jinkings, que fundou, em 1995, a Boitempo Editorial (em homenagem ao pai, que havia tido uma editora de mesmo nome no Pará). Com mais de 20 anos de existência, a editora publicou obras de influentes pensadores nacionais e internacionais, foi uma das fundadoras da Liga Brasileira de Editores (Libre) e reconhecida pela difusão literária, marxista e progressista no Brasil.

Trazemos a entrevista biográfica, como nos coloca Arfuch (1995), que não só nos mostra uma vida, um acontecimento, como também se propõe a critérios de valoração, identificação, registro histórico e a uma ordem do desejável. Além disso, a entrevista aborda uma situação

comunicativa, por meio de um intercâmbio dialógico com seus participantes, a veracidade da conversa cotidiana, os usos da linguagem, e principalmente, a autenticidade, o previsível e o imprevisível como um jogo intersubjetivo, indo do coloquial ao formal. A entrevista biográfica também é o gênero cuja voz é o da “autenticidade” porque “estabelece um jogo de presença e de relacionamento direto: pessoas frente a frente<sup>1</sup>” (ARFUCH, 1995, p.14).

Assim, iremos expor, em um primeiro momento, as postulações de Arfuch sobre espaço biográfico, entrevista biográfica, cronotopias da intimidade, e em seguida, o narrar sobre a própria vida, por meio da entrevista com Ivana Jinkings, que está à frente da Boitempo Editorial, cujo catálogo de publicações progressistas e marxistas alcançam o patamar de uma das maiores editoras independentes do país.

### **Narrar vidas**

“Como se narra uma vida?”. Tal questionamento é pergunta norteadora da pesquisadora argentina Leonor Arfuch (2010, 2013) durante as várias décadas de seu trabalho investigativo profícuo que incidem nas subjetividades contemporâneas. Como se narra uma vida, de forma sucinta, é respondida: “de maneiras diversas” (2013, s/p.).

Atualmente, as formas de escritas de si se desdobram em uma quantidade de variantes literárias e, sobretudo, midiáticas, considerado como “[...] uma expressão mais imediata do vivido, do autêntico, do testemunhal” (ARFUCH, 2010, p. 37). Contar a história de uma vida é dar vida a essa história, e por meio da autobiografia que essa intenção comunicativa se efetua e materializa na “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16).

Como não existe fórmula pronta para distinguir as narrativas auto e heterodiegéticas, Lejeune (2014) propõe a noção de um espaço comum, o “espaço autobiográfico”, que seria um reservatório de formas para narrar e contar sobre a vida. Ele remete à ideia de que seria possível observar traços do autor, da vida do autor em outros textos para além de uma autobiografia de um determinado autor, por exemplo, cartas, romances escritos etc. No entanto, Arfuch (2010) acredita que essa definição, embora seja sugestiva, por abrigar “[...] formas diversas em que as vidas se narram e circulam” (p. 58), ainda não é suficiente para delinear um campo conceitual. Por essa razão, a autora propõe a definição de espaço biográfico como:

---

<sup>1</sup> Tradução nossa de: “establece un juego de presencia y de relación directa: gente cara a cara”.

[...] uma confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação. (ARFUCH, 2010, p. 58).

Arfuch (2010), por não concordar com Lejeune (2014) de que o campo de estudos sobre o tema se restrinja ao “autobiográfico”, propõe a noção de “espaço biográfico”, que se caracteriza pela articulação entre diversos gêneros – autobiografia, histórias de vida, entrevista biográfica –, ligados aos relatos de experiências pessoais e à exposição pública da intimidade. Esses gêneros tentam validar a realidade dos fatos, uma vez que são narrativas do próprio “personagem”. Arfuch (2010) nos mostra que, por meio de tais gêneros, os sujeitos revelam a busca da “[...] plenitude da presença – corpo, rosto, voz – como proteção inequívoca da existência, da mítica singularidade do eu.” (ARFUCH, 2010, p. 74).

Dentro do espaço biográfico, diversas formas de se contar uma história ou experiência de vida são encontradas: “Inscrevem-se, assim, para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a narrativa, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade” (ARFUCH, 2010, p. 111). É possível estabelecer a relação de diferentes tempos durante um relato autobiográfico, já que existe uma ancoragem imaginária de uma memória que acaba sendo construída. Destacaremos aqui 1) o tempo do mundo da vida e 2) o tempo do relato. Essa conexão, que vai do relato ao acontecimento vivido, torna-se paradoxal porque o tempo só vai se tornar humano quando se articula sobre um modo narrativo (ARFUCH, 2010).

No caso do tempo do relato com Ivana Jinkings e o tipo de entrevista – realizada de forma remota e presencial, ambas em períodos distintos de 2021 –, foram aproximadamente duas horas de entrevista, e optamos por transcrevê-las na íntegra, não seguindo uma norma específica de transcrição. Nessa transcrição, é possível constatar mais de cinquenta anos, isto é, o tempo do mundo da vida sendo condensados em pouco mais de duas horas – o tempo do relato.

Esses diferentes tempos dos relatos, segundo Arfuch (2005), integram o espaço biográfico. Ademais, a pesquisadora amplia a sua compreensão, trazendo-o como diacronicamente habitado na dupla tensão da linguagem entre presença (sintagmática e como carga histórica paradigmática) e ausência (pela qual todo dizer é cortado, em um adiamento temporário de significado). Desse modo, o espaço biográfico é aberto à multiplicidade na qual a atualidade e o relato são desenhados sobre o pano de fundo das genealogias narrativas e a temporalidade da própria vida (dos outros e da vida em geral).

Nesse sentido, sujeito e a vida são resultados da narração, Arfuch (2013). Isso porque, antes da narração, e sem ela, existe apenas o “surdo rumor da existência” e temporalidades que não possuem algo em comum com a simultaneidade da lembrança “[...] sensação, impulso e experiência - com seu imediatismo e permanência, sua qualidade deslumbrante e sua capacidade de expressar, como a mônada, um universo inteiro” (p. 75).

Arfuch (2013) acredita que a história de vida é apresentada como uma multiplicidade de histórias divergentes, sobrepostas, na qual ninguém pode alcançar o mais alto nível da representação. Por isso, nem sempre contamos a mesma história, “mesmo que evoquemos os mesmos eventos: a cada vez, a situação de enunciação, o gênero discursivo escolhido e o outro, o interlocutor, imporão uma forma à história que é precisamente o que dará seu significado”<sup>2</sup> (Arfuch, 2013, p. 75).

O espaço biográfico, como Arfuch (2013) propõe, poderia começar pela casa ou o lar, ou seja, no sentido forte de morar: estar no mundo, de ter um abrigo, um resguardo, um refúgio. A casa natal seria como o ponto inicial de uma poética do espaço, ao dizer de Bachelard (1965), “um modo de habitar onde guardam a memória do corpo e as primeiras imagens que podem ser impossíveis para nos recuperarmos e que, por isso mesmo, constituem uma espécie de soto mítico da subjetividade”<sup>3</sup> (ARFUCH, 2013, p. 30). Na entrevista realizada com a editora Ivana Jinkings, o lugar de origem, Belém do Pará, e a sua casa, que também havia sido a livraria de seu pai, são marcações axiológicas importantes que sustentam a sua postura hoje em um sentido público (como editora) e privado. Dessa forma, justifica suas escolhas e o seu gesto no mundo a partir de um lugar físico.

Há um valor de se pensar a cidade como uma trama textual, narrativa, em que metáforas, metonímias, hipérboles se articulam. Assim, “a cidade também invoca a inquietude, é também o lugar de encontro com o Outro e em sua alteridade mais enfática – étnica, linguística, cultural, sexual”<sup>4</sup> (ARFUCH, 2013, p. 31). Por isso, relacionamos a cidade como a própria autobiografia. Há uma forte relação entre espaço e subjetividade, que supõe uma temporalidade distinta, uma trama social e afetiva, e como explicita Arfuch (2013), configurativa da própria existência, uma espacialidade habitada por descontinuidades – tanto físicas como da própria memória. No relato

---

2 Tradução nossa de: “aunque evoquemos los mismos acontecimientos: cada vez, la situación de enunciación, el género discursivo elegido y el otro, el interlocutor, impondrán una forma del relato que es la que, justamente, hará su sentido”.

3 Tradução nossa de: “un modo de habitar donde anidan la memoria del cuerpo y las tempranas imágenes que quizá nos sea imposible recuperar y que por eso mismo constituyen una especie de zócalo mítico dela subjetividad”.

4 Tradução nossa para: “La ciudad entonces como lugar de encuentro con el Otro en su más rotunda otredad – étnica, linguística, cultural, sexual”.

de Jinkings, há uma passagem da cidade de origem, Belém do Pará, como aquela das raízes e memória biográficas, e a cidade que transformou a sua vida, São Paulo, marcando essa relação que propicia uma forte relação de alteridade.

Ao mencionar o termo “memória biográfica”, Arfuch (2013) traz uma concepção de memória que é também familiar, traçada por lugares e momentos, que remetem a outras memórias, com passados recentes, e que insistem na consciência coletiva. É ligada a acontecimentos que podem ser traumáticos, e mais, vinculados à cidade de origem: placas, museus, memoriais, como marcas urbanas que podem significar momentos ou destinos trágicos, feridas de guerras, desaparecimentos ou até mesmo a xenofobia. Arfuch (2013) cita essas marcas fortes entre memória biográfica com a cidade, de modo geral, por retratar em seu *corpus* relatos de sobreviventes do período ditatorial argentino.

No contexto de nossa entrevista, a memória política brasileira é invocada em diversos momentos, marcando, por exemplo, a entrevista biográfica muito mais do que uma técnica de coleta de dados qualitativos, mas uma ferramenta de mudança social, ao incorporar questões coletivas, como a luta contra o racismo e/ou a violência de gênero, dentre outras questões. Ademais, Arfuch (2010) ressalta a relação espaço-tempo que terá destaque também em nossas análises. Segundo a pesquisadora:

Falar do relato, então, dessa perspectiva, não remete apenas a uma disposição de acontecimentos - históricos ou ficcionais - numa ordem sequencial, a uma exercitação mimética daquilo que constituiria primariamente o registro da ação humana, com suas lógicas, personagens, tensões e alternativas, mas à forma por excelência de estruturação da vida e, conseqüentemente, da identidade, à hipótese de que existe, entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas que apresenta uma forma de necessidade ‘transcultural’. (ARFUCH, 2010, p. 112)

Nesse sentido, podemos relacionar a indissociabilidade da experiência humana com o espaço-temporalidade, tema recorrente na obra *Pensar este tiempo: Espacios, afectos, pertencias*.

Arfuch (2005) nos afirma nesta obra que somos definidos pelos lugares que ocupamos no tempo de nossas vidas. Por isso, é “impossível pensar a vida sem o cenário de sua efetivação, mas estamos sujeitos à lógica e à angústia do tempo” (Arfuch, 2005, p. 248). Temporalidade esta que é também espacialidade, visto que envolve geografias (lugares, moradias, espaços) nos quais, com frequência, nossos corpos aparecem marcados tanto pela cronologia quanto pelas relações afetivas. É nessa relação tempo e espaço que a autora se baseia para pensar aquilo que denomina “cronotopias da intimidade”, das quais falaremos a seguir.

## **Cronotopias da Intimidade**

Segundo Bakhtin (2018), o cronotopo marca a correlação essencial e inseparável entre espaço e tempo, compreendendo-o como a quarta dimensão do espaço. O tempo é condensado na medida em que o espaço é intensificado, imerso no movimento do tempo do próprio sujeito da história/ narrativa. Neste caso, falamos de tempo e espaço a partir do que relata a mulher-editora-independente Ivana Jinkings sobre sua vida.

Ademais, Bakhtin (1998) acredita que damos sentido aos fenômenos da vida incorporando-os à esfera da existência espacial, temporal e semântica. Para ele, “qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza atrás da porta dos cronotopos” (p. 362). Assim, o cronotopo demanda uma análise das formas da realidade, das representações inscritas nas especificidades das atividades sociais. “É no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos” (1998, p. 355). Pertence a eles, portanto, o significado principal que gera o enredo. Nesse sentido, o cronotopo dá ao tempo um caráter sensível e concreto. Isso porque, para Bakhtin (1998), ele assume tanto um significado temático quanto figurativo.

Assim, é no cronotopo que os acontecimentos da narrativa, do enredo, se tornam concretos e corporificam ganhando “sangue” (Bakhtin, 1998). Pelo detalhamento, pela precisão cronotópica – no relatar dos fatos com informações precisas sobre tempo e lugar das representações –, o cronotopo é realista e produz efeitos de real. Por isso, ele traz verossimilhança à representação, já que apresenta um real que pode provar. Nesse sentido, uma das principais funções do cronotopo é propiciar espaços de hibridização da realidade representada com a realidade que se representa a partir do estabelecimento de zonas de contato com a realidade cotidiana (Bakhtin, 1998).

Dessa forma, partindo da ideia de Bakhtin, Arfuch (2005) teoriza que as cronotopias da intimidade têm relação direta com a intimidade do eu. Para a autora, esses cronotopos partem de uma peculiar e simbólica articulação entre espaço, tempo e afeto, ao se destacar na narrativa do eu, no espaço biográfico, um lugar, um objeto, um gesto ou um texto para ancorar significados múltiplos e emblemáticos às coisas e à vida. Nesse sentido, a autora considera os cronotopos como pontos nodais da narrativa, isso porque estes possuem uma dimensão configurativa ao investir ações e personagens, com significado e afeto, de maneira que estes assumam uma certa qualidade, Arfuch (2005).

Assim, é importante ressaltar que a mente humana experiencia o tempo de maneira diferente da sua representação concreta da cronologia. Isso porque, como postula Arfuch (2005), ela concebe-o por meio de imagens espaciais. Nesse sentido, tempo e espaço não podem ser separados de um valor emocional. Transformados em ponto nodal da trama, dão sentido por

uma dimensão configurativa às ações e aos sujeitos/personagens. Opera-se nele tanto o presente da narração, no qual tempo e espaço atuam diretamente, como na carga de valor que ela carrega pela história que é tecida e pela tradição que envolve naquilo que se conta.

Arfuch (2010) diz não ser possível afirmar uma subjetividade sem levar em conta uma intersubjetividade. Como consequência, a autora reforça que toda biografia, todo relato de experiência é, em certo ponto, coletivo. Coletividade esta que, como marca impressa na singularidade, faz das histórias de vida relevantes. Por isso, narrativas e relatos de vida são, também, a “expressão de uma época, de um grupo, de uma geração de uma narrativa comum de identidade” (p. 100). Na entrevista biográfica realizada com Ivana Jinkings, será possível identificar deslizamentos enunciativos, o “eu” e o “nós” trazendo a voz da coletividade e as marcações espaço-temporais que descrevem também contextos sócio-históricos brasileiros a partir de suas vivências, como a Ditadura Militar.

É importante ressaltar que a organização narrativa da intimidade também é construída pela articulação e hibridização entre cotidiano e histórico e na posição relacional e de identificações contingentes de uma identidade coletiva. Nesse sentido, os espaços biográficos são os lugares ocupados por nós na temporalidade de nossa existência física e narrativa (casa, trabalho, escola, ações em perfis em redes sociais, entrevistas e imagens e fotos compartilhadas) definindo-nos para além de nossas casas. Consequentemente, Arfuch (2010) explica que eles nos envolvem no que é relativo a subjetividades, aos modos de narrar – que tem relação com as narrativas que vemos, ouvimos e testemunhamos – e ao agir comunicativo do uso da linguagem (como meio de conseguir consenso) para estabelecer relações complexas entre sujeito, sociedade, linguagem, construção de narrativas, discursos identitários, história e memória.

Passaremos, agora, à noção de entrevista inserida em um espaço biográfico, que tem uma dupla dimensão interdiscursiva e intertextual.

### **A entrevista biográfica**

Diante de uma necessidade de tentar dar conta, em termos discursivos e narrativos, das diferentes formas de subjetivação na contemporaneidade, Arfuch (2010) traça uma importante pesquisa em que o protagonismo está nos chamados “métodos biográficos”, cuja entrevista é peça fundamental. Sabe-se que, atualmente, o gênero entrevista nas Ciências Humanas e Sociais ocupa uma posição predominante em uma investigação qualitativa.

Ao estudar a entrevista como gênero textual e biográfico na contemporaneidade, é possível perceber, tanto no campo midiático quanto no acadêmico, a tentativa de reconstruir, de forma fragmentária, a vida do sujeito (ARFUCH, 2010). Por se inspirar na conversação, a

entrevista registra a presença e capta os momentos afetivos e caros ao entrevistado, que, naquele momento do relato, realiza um exame de consciência.

Na perspectiva de Bakhtin (2011), a entrevista é um gênero secundário, mas suas características (diálogo, conversa) estão na mesma esteira dos gêneros primários. Essa heterogeneidade constitutiva dos gêneros discursivos, e no caso específico da entrevista, torna-se marcante. Pode-se ressaltar a associação da entrevista com outros gêneros secundários: teatro, romance, diálogo, relatório, entre outros.

É possível elencar as partes que compõem geralmente uma entrevista, de maneira que essa configuração está ligada à questão da identidade, não só para demonstrar quem é quem para o entrevistador, mas para se atualizar e se reconhecer. Por isso, destacamos essas etapas elencadas por Arfuch (2010) que podem ser identificadas em biografemas. Barthes (2003) propõe um conceito para biografemas, que seria uma espécie de “anamnese factícia”, ou uma representação dos fragmentos de uma vida. Espécie de invenção pautada num modelo real-imaginário que visa a completar ou garantir contornos específicos a uma biografia. Foram esses biografemas que utilizamos como critérios para análises neste estudo, sobretudo a *infância*, como uma ancoragem obrigatória de todo devir; e a *vocação*, em que Arfuch (2010) afirma, com veemência, que dificilmente existiria outro gênero discursivo que imprimisse a ênfase no trabalho como o verdadeiro motor do devir humano.

### **Ivana Jinkings**

A entrevista com Ivana Jinkings foi realizada como *corpus* da Tese de Doutorado intitulada “Mulheres-editoras-independentes e as edições de si”<sup>5</sup>. Por isso, parte das discussões teórico-metodológicas foram oriundas dessa pesquisa, que teve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAEE): 30256320.4.0000.8507, número do parecer: 4.007.386.

Inicialmente, trazemos um breve histórico da editora. Filha de um militante comunista, Raimundo Jinkings, Ivana costuma dizer que praticamente nasceu dentro de uma livraria, já que seu pai teve um papel de resistência em Belém, no Pará, ao criar uma livraria (dentro da própria casa) e disseminar livros entre a população. Raimundo fundou a *Livraria Jinkings*<sup>6</sup> em 1965, ao lado da esposa, que era formada em Letras, Isa Tavares, mãe da Ivana. O local logo virou o estabelecimento principal de muitos filósofos e estudantes. Nessa época, Raimundo

---

5 SANTANA-GOMES, L. Mulheres-editoras-independentes e as edições de si. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

6 Disponível em: <https://bit.ly/3hNwPSn>. Acesso em: 9 jan. 2023.



Jinkings chegou a ser preso várias vezes, tendo ainda alguns livros apreendidos, mas não deixou a função de livreiro de lado. Mais tarde, uniu-se ao amigo Carlos Augusto da Silva e fundou uma editora marxista, a *Boitempo*.

Essa primeira *Boitempo*, no entanto, não foi a mesma criada pela filha Ivana, que seguiu outros rumos. Ivana teve sua formação acadêmica em Biologia, na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém. Logo depois, mudou-se para São Paulo com a pretensão de trabalhar com genética, área de seu maior interesse – até então. No entanto, os caminhos a levaram a trabalhar em uma casa editorial quando chegou a São Paulo. Mais tarde, com alguma experiência jornalística, fundou sua própria casa editorial, a *Boitempo*, nome dado em homenagem ao pai, que havia escolhido tal nome em referência a um poema de Drummond. Jinkings é atuante no mercado editorial independente, tendo sido uma das criadoras da Libre, Liga da qual não participa atualmente porque, segundo ela, a entidade não cumpria o papel de instituição em sentido coletivo, mas apenas burocrático.

A seguir, iniciaremos as nossas análises sobre Ivana Jinkings. Para isso, vamos expor trechos das entrevistas transcritas e, em seguida, proceder às interpretações e as análises. Partimos principalmente dos seus relatos a partir dos biografemas infância e vocação, conforme elucidamos anteriormente.

Bom, eu meio que nasci dentro de uma livraria, quando eu era bem pequena, o meu pai que era... trabalhava no Banco da Amazônia, jornalista, meu pai... é... perdeu o emprego, foi preso no Golpe Militar, e quando ele saiu da prisão, ele, quer dizer... numa época que eles trabalharam... ele, meus irmãos maiores trabalharam em feira livre... até que meio naturalmente, meu pai que era muito leitor e tinha muito contato com editores do Sul... a minha família é de Belém do Pará, e a gente começou... meu pai montou uma pequena livraria dentro da nossa casa, então era o escritório dele, que ficava na frente da casa, ele começou a representar algumas editoras, a vender livros, e depois foi aumentando, mais editoras, e virou uma livraria... e era nesse espaço em que eu cresci, porque assim, era dentro da nossa casa, era num escritório, então a gente tropeçava pelos livros, as caixas já ficavam no meio da sala (risos), então a gente cresceu já nesse meio e o meu pai tinha uma coisa muito... com a gente de ler, assim, né... a gente foi muito estimulado a ler assim... não só por ter muita oferta, mas por se falar muito em livro em casa, mas tinha uma coisa que, especialmente, com ele, era muito assim. Quer ganhar alguma coisa, quer pedir alguma coisa pra ele, pega um livro, fica lendo do lado (risos). Então ler livros era uma forma de ganhar pontos, né... com ele, principalmente, com a minha mãe também, e depois quando eu era pequena, também, a minha mãe voltou pra faculdade, foi fazer Letras, então eu ia também com ela pra faculdade, então o contato com livro foi todo muito cedo, assim, eu lembro muito pequenininha de ler já Monteiro Lobato, com 5, 6 anos começava a ler, me alfabetizei cedo, então o livro era coisa presente na nossa vida sempre, assim, era um assunto, depois virou o ganha-pão, virou do que a gente vivia, todo mundo vivia, adolescente eu trabalhava na livraria com meu pai, eu estudava de manhã e trabalhava à tarde na livraria, arrumava os livros, ficava lá, ajudava ele, então sempre foi um contato muito próximo com livro mesmo, muito estímulo.

Pesquisadora: qual a formação do seu pai? Sua mãe em Letras, e o seu pai?

Nada. O meu pai é um autodidata, assim, mas ele terminou só o colegial, na época, depois foi para o serviço militar, e aí depois, enfim, casou com a minha mãe, virou bancário, nunca teve uma faculdade, mas era um cara extremamente culto, né, escrevia... escrevia muito em jornal... escrevia muitos textos, mas nunca fez uma faculdade...

Iniciamos as perguntas à editora sobre quando foi o primeiro contato com os livros e com o universo literário. Ivana Jinkings responde evocando a figura paterna. Nesse primeiro trecho, o papel laboral exercido por ele é traço de forte marcação identitária. Raimundo Jinkings, seu pai, é imediatamente descrito pela profissão – jornalista, autodidata, intelectualizado politicamente. Associar a profissão e a vocação ao dizer de si é quase indissociável da vida íntima. Além disso, refere-se ao local de trabalho do pai como um lugar de ascensão, primeiramente, em um banco (da Amazônia), para, depois, dizer de uma descensão com o desemprego e a prisão. Fato marcante alinhado à nossa memória discursiva é o fato de ter mencionado o Golpe Militar, que sinaliza diversos lugares e nomes de memória.

A expressão “nasci dentro de uma livraria” nos sugere uma hipérbole e o cronotopo livraria, ao nomear o local de trabalho do pai. A menção ao nascimento estabelece, ainda, uma relação íntima e de afeto entre Ivana, família Jinkings, livraria e livros. Isso fica claro nos trechos: “era nesse espaço em que eu cresci” e “a gente tropeçava pelos livros, as caixas já ficavam no meio da sala (risos)”. Destacamos aqui os risos afetivos de Ivana ao se lembrar da ausência dos limites físicos entre o cronotopo casa-lar e o cronotopo livraria, o que ressalta que o trabalho do pai estava também no ambiente íntimo-afetivo de seu cotidiano familiar. Mais do que apenas um local de trabalho, a livraria ocupava o espaço-tempo de sua casa enquanto ela crescia, o que influenciou a construção de significados entre Jinkings e os livros desde a infância até a vida adulta.

Há uma acentuação em torno da sua formação e crescimento sustentado por uma família que estimulava esses traços, isto é, veio “de berço” sua educação para a literatura. Dizer de onde vem, no caso dela, de Belém, no Pará, em 1961, é deixar o traçado identitário marcado em uma posição de espaço e de tempo. É recorrente em seu discurso os pontos “Norte” e “Sul” do país, tendo em vista a “distância geográfica” de Belém (tendo como ponto de referência a região Sudeste) de outras “capitais editoriais”, por exemplo, como marcas de pertencimento.

A perspectiva política também já estava marcada em sua vida nas memórias infantis, com o histórico do pai preso durante a Ditadura Militar, fato que evidencia toda a sua trajetória e inserção em partidos comunistas. Nessa primeira pergunta que fazemos, Jinkings já se ancora na trajetória dos seus pais para justificar a própria formação e tudo que eles representam como

eixo norteador desse processo. Dessa forma, relacionamos desde o início da entrevista o marco com as cronotopias da intimidade, e isso nos faz entender algumas posturas dela, por exemplo, que seu pai foi livreiro e editor, utilizava de estratégias discursivas que ela conseguiu reconhecer desde nova para “ganhar pontos” com o pai. Ler livros era ganhar pontos e, de certa forma, entrava em um âmbito do regozijo para ela.

Por sua vez, Maria Isa Tavares, sua mãe, teve formação em Letras após o casamento e a vinda dos filhos, mas ganhou um papel de coadjuvante na descrição feita por Ivana, tendo o pai sido mais citado nesse processo. Inferimos essa presença materna não tão ligada aos trabalhos editoriais e políticos, em razão de um contexto em que mulheres praticamente não trabalhavam fora de casa e o número de filhos era grande, sendo “tarefa da mulher” certos afazeres. Mesmo assim, apontamos uma certa reconfiguração identitária pela qual sua mãe passou: já com filhos crescidos, iniciou seus estudos universitários em Letras. Essa formação acadêmica nem o marido Raimundo chegou a exercer, mas Isa Tavares, sim.

Pesquisadora: Então isso te impulsionou a entrar nesse ramo, né? Com a primeira Boitempo? Você poderia falar?

Jinkings: É, então, quando eu era bem pequena ainda, meu pai, além da livraria, ele montou uma editora, foi ali entre os anos sessenta e começo dos setenta, é uma editora que chamava Boitempo, era dele e de um outro dirigente comunista, o Carlos Sampaio, e nessa época eles faziam, quer dizer, os livros eram... era uma época muito dura, né, época da Ditadura, uma época muito fechada, nos anos 70, então os livros, a maioria dos livros eram apreendidos. Então a gente vivia muito esse susto em casa, assim também na nossa infância, porque não apenas tinham as batidas policiais frequentes, que chegavam vasculhando os livros na livraria, mas vasculhavam muito, iam muito em cima dos livros que eles editavam, então muitas vezes os livros sequer saíam das gráficas, recebiam batidas policiais nas gráficas e os livros nem conseguiam ser distribuídos. Então, com isso, a editora teve uma vida curta, não conseguiu sobreviver a esse período, e ficou lá essa memória.

O período mencionado por Ivana, demarcado temporalmente, anos 60 e 70, relaciona-se à Ditadura Militar, de modo que todo um campo semântico é acionado para situar essa memória discursiva, com fortes filiações: apreendidos, vasculhando, susto, batidas policiais, tudo isso evoca a época demarcada por uma memória que se associa a um obscurantismo – principalmente para aqueles com uma formação progressista, como é o caso do pai e dos companheiros de partido. Pensando a ditadura como cronotopo, por uma perspectiva espaço-temporal, vemos aqui uma memória que é do âmbito íntimo-afetivo “a gente vivia muito esse susto em casa, assim também na nossa infância”, “era uma época muito dura né, a época da ditadura”, que servem como um canal de construção de sentidos diante da atuação do governo

militar. A partir de uma memória biográfica, adiciona-se uma memória coletiva sobre esse período.

O próprio signo comunista já é polêmico por ativar diversos sentidos (positivos, negativos, duplos) no imaginário. Reiteramos, mais uma vez, o nome *Boitempo* como local de memória para a família Jinkings, já que seu pai havia tido uma casa editorial com o mesmo nome. A censura, embora não dita, é implícita em seu discurso, já que livros eram proibidos e confiscados e ressaltando também na prisão política de seu pai “jornalista, meu pai... é... perdeu o emprego, foi preso no Golpe Militar”.

Por isso, sentimos necessidade de mapear possíveis cronotopos recorrentes na entrevista de Jinkings. A relação da editora com o livro e com o fazer livros provocou – e permitiu – o estabelecimento de uma afetividade dentro de tempos e espaços diversos em sua narrativa de vida e memória biográfica, que passou a destacar ainda mais a presença de gestos de intimidade dentro e fora de sua casa e família, assim como novos ângulos de intimidade com o próprio livro que o testemunho deixa prevalecer, fazendo dele mesmo um cronotopo da intimidade. Há sobrevalorização do espaço íntimo dos personagens e do trânsito de afetos, em um processo de reconfiguração simbólica das esferas de tempo-espaço. Isso acontece principalmente na herança íntima e familiar dessa relação com o livro e com a casa editorial. O pai livreiro, a mãe formada em letras, a irmã autora e Jinkings editora.

Os cronotopos – a livraria, a casa editorial, a ditadura e a casa-lar – parecem reativar um território já percorrido por Ivana, o já mencionado tempo do mundo da vida, de certa maneira “revivido” ao ser articulado de modo narrativo no momento do relato. Eles dão conta da relação entre público e privado em um contexto que revela e constrói sentido sobre uma memória coletiva nacional a partir da intimidade compartilhada. Ao narrar o que acontecia no espaço-tempo-afetivo de sua família, à época da ditadura militar, Jinkings permite que entrevistadora e leitores criem laços na intimidade de sua casa. Por essa união, parece haver também a ativação de saberes e memórias que perpassam os corpos, os espaços e os sentidos que os brasileiros ocupam no tempo, já que revelam memórias que são também coletivas e políticas.

Com esse percurso, defendemos que o cronotopo da ditadura pode ser sentido como traumático e tem na narrativa de vida, e no espaço biográfico, um canal de construção de sentidos diante da censura, da perseguição política e das ações truculentas e violentas. Nestes lugares de memória, que habitam e ocupam nossos corpos e gestos, entendemos a escolha por testemunhos como importantes para dar força ao dizer. Lembrar sobre estes momentos não apenas tem relação com o seio familiar-afetivo e íntimo de Jinkings no cronotopo da casa-lar, como também confere sentido ao vivido do “eu” e do “nós” presentes no espaço-tempo-afeto

narrado para que as ações da polícia e do governo militar, experienciadas e reveladas aqui na intimidade da família Jinkings não sejam esquecidas ou se repitam. Pontos nodais da narrativa, os cronotopos observados na entrevista são exemplos disso.

Assim, pelos cronotopos casa-lar, ditadura, casa editorial e livraria, o relato de Ivana confere ações aos personagens da narrativa – Ivana, seus familiares e os militares, ainda que indiretamente mencionados. As ações destes últimos ancoram significados múltiplos e emblemáticos de valor emocional e histórico tanto para a entrevistada quanto para entrevistadora e leitores.

A seguir, passaremos para outro trecho da entrevista, mas dessa vez sob a perspectiva do biografema vocação. É necessário, no entanto, estabelecermos a relação tempo e espaço indissociável do valor profissional/laboral pelo qual hoje Ivana Jinkings assume. Nessa formação politizada “de berço”, a editora se torna afetada pelo período histórico, como também pelo pensamento político progressista em casa e o trabalho se torna a materialização dessas reflexões que escutava e lia desde muito nova.

Pesquisadora: você disse na entrevista ao *Publish News*<sup>7</sup> sobre o fato de que era comunista, mas a sua editora não...

Jinkings: É, eu acho que eu devo ter falado isso quando dei uma entrevista para o *Publish News*, essa é uma questão, né, muitas vezes... é difícil, isso, eu não vou dizer que não é... quer dizer, eu acho que hoje em dia, esse é um papel que eu assumo, né... a gente não vive no socialismo, né... a gente... nem socialismo, quanto mais no comunismo, então eu tenho que ter a consciência de cumprir um papel que nem sempre é o melhor, nem sempre é o que eu mais gostaria, mas assim, eu sou a pessoa que eu não sou responsável só pelo catálogo, pelas escolhas, eu sou responsável pela saúde, pela existência, pela sobrevivência da empresa. Então, obviamente, no meio disso, eu tenho que tomar muitas atitudes que não... que às vezes podem ser até um pouco impopulares, como às vezes dizer: puxa, não. Não dá pra pagar isso por isso, não dá pra pagar... eu adoraria pagar 50 por lauda de tradução, mas é inviável, a gente faz a conta e você precisa sentar com as pessoas e dizer... vamos fazer a conta? Se dá pra vender o livro? Então é um trabalho que eu ainda tenho que fazer, né... também é muito uma questão depois que o livro é publicado, porque não existe uma outra forma de continuar publicando e traduzindo e editando que não seja vendendo os livros, né...

Percebe-se, nesse trecho, a relação conflituosa com que convive. As pausas, alguns silêncios durante a sua fala, a repetição, o uso de adjetivos axiológicos como “difícil, é uma questão” expõem o embate de sua projeção como mulher-editora-independente socialista, ao mesmo tempo inserida em um sistema capitalista. Jinkings expõe e projeta as fissuras de erro, atrelando a uma postura ética de ser humana, ressaltando o imaginário de que “todos podem

---

<sup>7</sup> *Publish News* é o portal brasileiro de maior abrangência sobre o mercado editorial. Entrevista com a Ivana Jinkings foi realizada em julho de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3AsBJL3>. Acesso em: 10 jan. 2024.

errar”. Diz que “eu tenho que ter a consciência de cumprir um papel que nem sempre é o melhor”, ao justificar posturas que soariam como sendo uma conduta ética capitalista. Observamos, ademais, o campo semântico atrelado à empresa, referindo-se à *Boitempo* não mais como casa editorial, mas como algo vivo, que precisa “sobreviver”.

Ao relacionar o campo semântico de “empresa”, notamos o uso do “eu” de uma forma recorrente – “eu sou responsável pela existência”, “pela saúde”, demonstrando, dessa forma, uma projeção institucional de cuidado, mas sem perder de vista que é uma empresa, e só existe porque ela, Ivana Jinkings, assume o comando. Percebemos, dessa forma, uma “personificação” mulher-editora-independente e casa editorial. Como se a *Boitempo* existisse porque Ivana Jinkings existe.

Se associarmos o campo semântico e a linhagem discursiva ao socialismo e ao comunismo, a descrição que Ivana faz de que, às vezes, tem atitudes até “impopulares” soa incoerente com o objetivo inicial da casa editorial. Dessa forma, assume uma postura de que não é o que queria, mas é o que escolhe fazer por demandas e pelas contas a se pagar, remetendo-nos ao conhecido imaginário “faça o que eu digo, só não faça o que eu faço”.

Damos atenção a esse trecho apresentado, principalmente aos silêncios hesitosos na fala de Jinkings, e os relacionamos ao que Arfuch (2013, p.84) elucida sobre as temporalidades da memória e a uma certa lógica política.

Há vários momentos no processo de testemunho em que a palavra se torna audível, pode ser falada e ouvida. Momentos próximos aos fatos vividos que se apresentam como urgências da voz, outros mais distantes, seja por medo, angústia, vergonha ou desespero. Temporalidades da memória, que resistem à dócil ordenação das cronologias ao que uma certa lógica política considera tempo suficiente para lembrar<sup>8</sup> (Arfuch, 2013, p. 84).

Há, portanto, no relato da entrevistada momentos em que percebemos as “urgências da voz”, em que ela se coloca em evidência para ser ouvida: “eu tenho que ter a consciência de cumprir um papel que nem sempre é o melhor, nem sempre é o que eu mais gostaria, [...] eu sou responsável pela saúde, pela existência, pela sobrevivência da empresa”. Há também os mencionados silêncios na transcrição da entrevista, representados pelas reticências (...), pelos quais ela resiste à ordenação cronológica, utilizando-se de uma certa lógica política para

---

<sup>8</sup> Tradução nossa de: “Momentos cercanos a los acontecimientos vividos, que se presentan como urgencia de la voz, otros más distanciados, ya sea por miedo, angustia, venguenza o desesperanza. Temporalidades de la memoria, que resisten ao dócil ordienamiento de las cronologías, a lo que cierta lógica política considera el tiempo suficiente para recordar”.

lembrar e escolher as palavras e a melhor forma para abordar tais assuntos, em alguma medida controversos, ao responder à pergunta.

Considerando os fragmentos de vida narrados, isto é, os biografemas da mulher-editora independente Ivana Jinkings, ressaltamos, sobretudo, o fato de existir um “eu singular” marcado principalmente pelas cronotopias da intimidade como, por exemplo, a casa-lar e a ditadura; como também um “eu coletivo” que tem parte de sua constituição no trabalho, componente primordial dessa construção identitária que acaba revelando experiências comuns a mulheres editoras no Brasil. Além disso, observamos as vivências patêmicas, ideológicas e de criação da própria empresa, cuja “personificação” é uma das marcas constitutivas. Os modos de validação de si foram ressaltados, atrelados a uma conduta ética e estética, ressaltando as múltiplas facetas de um ser humano.

Nesse sentido, nos biografemas expostos reiteramos a bagagem autorreflexiva pela qual o espaço biográfico pode se apropriar, principalmente com o gênero entrevista (auto)biográfica. Por seu caráter interdisciplinar, aqui em consonâncias com aspectos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, foi-nos permitido evocar algumas das inúmeras facetas que o narrar sobre a própria vida nos proporciona.

### **Considerações Finais**

Nessa proposta de trazer algumas postulações de Arfuch, cuja contribuição aos estudos (auto)biográficos são cruciais, salientamos a necessidade de se discutir e de se colocar como protagonistas relatos de vida como fontes de memória social e coletiva. No caso do nosso *corpus* em questão, destacamos a relação íntima e afetiva com os livros e a livraria, e principalmente, o resgate de uma memória histórica da Ditadura.

Reiteramos o protagonismo que o gênero entrevista nas Ciências Humanas e Sociais ocupa, em uma posição predominante para uma investigação qualitativa. Nesse sentido, a entrevista inserida nesse *espaço biográfico* pode contribuir para uma corrente de valorização da narrativa, já que é a partir de um nós que se amplia a potencialidade de um eu (ARFUCH, 2010).

### **Referências**

ARFUCH, Leonor. La mirada como autobiografía: el tiempo, el lugar. In: *Memoria y autobiografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2013.

ARFUCH, Leonor. *La entrevista, una invención dialógica*. Barcelona: Papeles de Comunicación, 1995.

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2010.

ARFUCH, Leonor. *Pensar este tiempo: Espacios, afectos, pertencias*. Buenos Aires - Barcelona - Mexico: Paidós. 2005.

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

**ABSTRACT:** This article is mainly based on some theoretical-methodological postulations by Argentine researcher Leonor Arfuch, who proposes the concept of biographical space as a confluence of multiple genres in contemporary times. In addition, she develops and amplifies the questions about (auto)biography that we will be focusing on and extends concepts such as chronotopies of intimacy, which will serve as a contribution to our corpus. The interview with independent woman-publisher Ivana Jinkings, who founded Boitempo Editorial in 1995, one of the largest so-called progressive publishing houses in Brazil, will be analyzed. In this way, we will bring the interview genre as a rich tool to the biographical space and reiterate the interest that lies in (auto)biography, precisely because it enables the recategorization of lived social experiences through the narrator's unique discursive choices.

**KEYWORDS:** Life Narrative, Biographical Space, Biographical Interview; Chronotopia of Intimacy, Ivana Jinkings.

**RÉSUMÉ :** Cet article s'appuie principalement sur certaines postulations théoriques et méthodologiques de la chercheuse argentine Leonor Arfuch, qui propose le concept d'espace biographique comme confluence de genres multiples à l'époque contemporaine. Elle développe et amplifie également les questions sur l'(auto)biographie que nous analyserons et étend des concepts tels que les chronotopies de l'intimité, qui serviront de contribution à notre corpus. L'entretien avec la femme éditrice indépendante Ivana Jinkings, qui a fondé Boitempo Editorial en 1995, l'une des plus grandes maisons d'édition dites progressistes du Brésil, sera analysé. De cette manière, nous introduirons le genre de l'interview comme un outil riche dans l'espace biographique et nous réitérerons l'intérêt de l'(auto)biographie, précisément parce qu'elle permet une recatégorisation des expériences sociales vécues à travers les choix discursifs uniques du narrateur.

**MOTS-CLÉS :** récit de vie, espace biographique, entretien biographique, chronotopie de l'intimité, Ivana Jinkings.